

“A GENTE NÃO TEM PARADA”: DESLOCAMENTOS, APROPRIAÇÕES E SOCIABILIDADES NA PROSTITUIÇÃO TRAVESTI¹.

André Rocha Rodrigues (PPGAS – UFSCar)

Resumo: Mobilidade é algo que está intimamente atrelado à produção da experiência da travestilidade e das atividades que a cercam, tais como a prostituição. Os estudos sobre o tema costumam destacá-la sempre atrelada à estratificação, status e distinção. Este trabalho pretende investigar os processos internos de produção da travestilidade e da pessoa, o que implica pensar nos circuitos e deslocamentos geográficos, mas não só neles. Busco analisar os vários significados que a categoria mobilidade pode encerrar naquilo que a faz revelar a dinâmica dos deslocamentos existenciais entre gêneros associados às atividades de trânsito entre cidades e lugares pelas travestis. Em princípio busco identificar alguns circuitos que evidenciam tais deflexões entre cidades interioranas do estado de São Paulo, reconhecidos localmente como espaços de prostituição atentando para a noção de rua – categoria muito mobilizada em outras análises etnográficas – e repensando-a. Entendendo que estas movimentações possuem lógica rizomática – que não observam princípios de começo e fim – e que não constituem necessariamente redes estáveis de deslocamentos e fluxos de agentes, sugerindo mais um ambiente de emaranhado de linhas, o presente trabalho, como metodologia, identifica nesses deslocamentos uma dinâmica multissituada de experiências cujo foco nas mobilidades, apropriações dos espaços e produção de sociabilidades em torno da atividade da prostituição travesti encerra um problema etnográfico relevante, qual seja, a relação co-determinante entre produção de gênero e produção generificada dos espaços urbanos..

Palavras-chave: travesti; deslocamentos; prostituição; estudos de gênero; sociabilidades.

¹ Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada de 03 a 06 de agosto de 2016 em João Pessoa – PB.

INTRODUÇÃO

A Rua

O trabalho aqui apresentado é um início de pesquisa que se propõe ser um desdobramento e uma possibilidade de ampliação dos estudos iniciados no mestrado², os quais, inseridos no debate sobre a dinâmica das cidades médias, esforçaram-se para entender as transformações, ocupações e apropriações do espaço público urbano pela atividade da prostituição (de mulheres e travestis) em São Carlos – SP. O espaço identificado onde são experienciadas tais atividades concentram-se na região da Avenida Getúlio Vargas. A partir dessa identificação busquei entender os contornos da especificidade do lugar, desde quando era reconhecido por abrigar tal atividade e como se dava a sociabilidade ali desenvolvida.

A etnografia ajudou a perceber como os sujeitos que ocupavam a região da Avenida Getúlio Vargas e que desenvolviam a atividade de prostituição, produziam, viam e como se relacionavam com aquele espaço e com a própria cidade de São Carlos. No decorrer da pesquisa notei a predominância de travestis na região (cerca de oitenta por cento), muito em função das transformações urbanísticas e conflitos internos entre as prostitutas (travestis e mulheres), o que fez com que deslocasse o foco para as interlocutoras majoritariamente travestis. Notei que se apropriavam da categoria socioespacial *Rua*³ para designar de modo mais espreado a região onde se encontravam e mais especificamente para indicar o *locus* de todas as ações que concerniam à atividade da prostituição. Para elas, um passo à frente da soleira da porta da residência tudo era *Rua*. Trabalhei o termo como categoria êmica, travando diálogo com os argumentos presentes em DaMatta (1991); com a família de categorias proposta por Magnani (1998; 2012) – pedaço, mancha, trajeto e circuito – e com o conceito código-território presente em Perlongher (1987), mostrando novas potencialidades para expansão da reflexão sobre apropriação do espaço urbano pelos sujeitos analisados.

A “*Rua travesti*” apresenta possibilidades analíticas que parecem extrapolar os limites colocados por alguns conceitos e categorias clássicas da antropologia urbana, contudo o faz sem

² Defendi em março de 2015 a dissertação de mestrado em Ciências Sociais intitulada “RUA DA FRENTE: Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos – SP”, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP.

³ Aqui *Rua* (em itálico) é uma invenção feita pelas travestis e mulheres da Avenida Getúlio Vargas, ou seja, é expressão nativa. *Rua* é o que elas fazem da Avenida e arredores no período noturno. Também utilizo o recurso da grafia em itálico para diferenciar da rua damattiana (DaMatta, 1991).

necessariamente negá-los, aliás, muito pelo contrário, contém nela, de alguma forma e em determinados momentos, aspectos de cada categoria já anunciada.

Tendo sempre como horizonte a percepção das travestis é impossível negar que as observações e considerações sobre a rua em DaMatta (1991) não sejam pertinentes e facilmente identificadas na *Rua*. Há sim em determinados momentos a presença da “rua damattiana” a irromper como o lugar da pertença a um individualismo inconcluso e, portanto, pouco universalizado no que diz respeito ao manejo dos direitos individuais, fonte, para o autor, dos dilemas sociológicos expressos nas categorias indivíduo e pessoa na sociedade brasileira. Contudo, certamente tal percepção (e dicotomização com a esfera privada, quer dizer, a casa como lugar de redes de pertença) não se apresenta de forma descontínua, tal como pude constatar e também como é possível observar nas histórias de vida e privação narradas pelas interlocutoras de Kulick (2008).

A *Rua* também pode ser percebida como a espacialização da sociabilidade indicada pela categoria *pedaço* (Magnani, 2012) e mesmo não sendo local de moradia, são construídos e estabelecidos laços característicos de um terceiro domínio que não seja nem *casa*, nem *rua*. *Rua* também pode se mostrar como código-território (Perlongher, 1987), por ser um território reconhecido por abrigar a atividade de prostituição e também por distribuir atribuições categoriais aos corpos e desejos em movimento, produzindo subjetividades não só na *Rua*, mas também em suas regiões específicas. Não obstante, o esforço da pesquisa anterior residiu na pretensão em oferecer pistas para um *pedaço* e ou território mais conceitualizado e menos morfológico, extrapolando os sentidos da apropriação externa como imperativo da sociabilidade e organização sócio espacial. É possível que *Rua* se aproxime de movimento e não necessariamente ou tão somente da noção de lugar ou de qualquer fixidez que se empreste ao termo (território, domínio público, etc).

Portanto, *Rua* sugere um espaço dinâmico onde o mesmo lugar pode ser pessoal e impessoal e produzir seus próprios códigos. Como salientado, ela é rua, mas também pedaço e também código-território e sua dinâmica e fluidez se dão porque entram no cálculo da pessoa, das formas e táticas assumidas pela travestilidade. Nela se negociam tanto o cálculo racional da

atividade da prostituição quanto a produção das intimidades, relationalidades e pessoalidades, onde as fronteiras se inter cruzam e se resolvem através de “boas combinações”⁴.

O aspecto original encontrado na categoria *Rua* é como ela realiza conjunções e justaposições das categorias já apontadas. Travei esse diálogo não apenas em respeito a uma bibliografia já muito discutida, mas com intuito de construir uma reflexão mais sistemática sobre a apropriação dos espaços pelos sujeitos e contribuir com o tema através de uma outra abordagem assentada em noções de deslocamento e mobilidade dos agentes.

Agente não tem parada

Durante a etnografia tive contato com Raabe⁵, uma travesti que se tornou uma das minhas interlocutoras. Desde nossa primeira conversa disse-me que não era de São Carlos, estava na cidade havia poucas semanas e planejava não ficar muito tempo. Notei que essa fala reaparecia em muitas entrevistas e descobri que não ser do lugar era uma recorrência sempre evocada com ênfase. Muitas afirmavam ter origem em Manaus, Florianópolis, Franca, Ribeirão Preto, São Bernardo do Campo, Lima (Peru), São Paulo, e diziam que já haviam passado por tantas outras cidades, o que, em alguns casos, incluía outros países (como Itália, por exemplo).

Certa vez, conversando com Raabe pela rede social *facebook* após tentativas frustradas de reencontrá-la na *Rua*, disse que não estava mais em São Carlos. Perguntei o porquê de ter ido embora: “*A gente não tem parada, não sou daí, sou de Franca, agora estou em Piracicaba. Fui só pra conhecer e conquistar alguma coisa. Não me prendo a lugar nenhum [...]*”. Não dei a devida atenção para tal declaração naquele momento, também não atentei para o fato de existir uma espécie de pensionato bem próximo à Avenida Getúlio Vargas, gerenciada por uma travesti mais velha que abrigava as que vinham de outras cidades para desenvolver a atividade de prostituição em São Carlos.

⁴ Segundo Viviana A. Zelizer (2009), quando os participantes estão negociando ao mesmo tempo relações interpessoais delicadas e marcando diferenças entre essas relações e outras com as quais elas podem ser facilmente confundidas, há conflito e confusão gerados em função da intersecção de “Dinheiro, poder e sexo”. E para lidar com essas dificuldades, as pessoas fazem uso de um conjunto de práticas chamado por ela de “Boas Combinações”.

⁵ Questões éticas me levaram a mudar os nomes das pessoas. Sobretudo, as mulheres e travestis que desenvolviam a atividade de prostituição. Substituí por nomes fictícios por pensar em possíveis consequências às envolvidas, ainda que todas afirmassem que não haveria problema se eu fizesse uso dos nomes delas no trabalho.

Marilyn Strathern (2014) afirma que “lapsos”, dos quais esse pode servir de exemplo, fazem parte do exercício da pesquisa de campo, pois não saber o que se vai descobrir é uma verdade da descoberta.

O exercício da pesquisa de campo é, portanto, antecipatório, na medida em que é aberto ao que virá depois. No meio tempo, o aspirante a etnógrafo reúne material cujo uso não pode ser previsto, fatos e questões coletados com pouco conhecimento de suas conexões. O resultado é um “campo” de informação ao qual é possível retornar, do ponto de vista intelectual, para fazer novas perguntas sobre desenvolvimentos posteriores cuja trajetória de início não era evidente (STRATHERN, 2014, p.353-54).

As informações sobre o constante deslocamento⁶ geográfico e, conseqüentemente, pouco tempo de permanência nas cidades e lugares, assumiram essa condição inicial e imprevisível destacada por Strathern (2014). Entretanto, essa condição se configurou, além de um campo aberto, em um retorno necessário para novas perguntas.

Alguns estudos sobre prostituição de rua (Osborne, 2004; Emakunde, 2002; Askabide, 2006) já apontaram que a prostituição em espaço público urbano possui suas especificidades, pois implica um alto grau de mobilidade e rotatividade, configuração marcada por estigmatizações e violência. Outros estudos (Medeiros, 1999; Askabide, 2006; Rodrigues, 2015) mostraram que na rua as prostitutas se sentem mais livres para organizar seu próprio trabalho, administrando horários, controlando clientes, ponderando valores etc.

Adriana Piscitelli (2013), Kamala Kempadoo (2005) e Claudia Mayorga (2010), para citar apenas alguns estudos, já haviam se debruçado sobre questões relativas ao trânsito, à circulação e à imigração de mulheres para prostituição, travando um debate também sobre turismo sexual e tráfico de mulheres. Larissa Pelúcio (2009) e Flávia B. Teixeira (2008) também desenvolveram estudos sobre a migração de travestis brasileiras para a Espanha e Itália, mostrando que a declaração de uma das minhas interlocutoras fazia eco em um contexto onde a mobilidade era pressuposto, tomando os deslocamentos como estratégias de procurar oportunidades econômicas

⁶ Optei por *deslocamento* ao falar desses movimentos, pois *migração* traz uma carga semântica e simbólica demasiada restritiva, pressupondo mudança definitiva, uma noção específica de residência etc. *Deslocamento* aqui é inspirado no conceito de “espaço de vida”, definindo-o como a porção do espaço onde os indivíduos realizam suas atividades (COURGEAU, 1988). Assim, *deslocamento* nesse projeto assume que as “formas de mobilidade são mais difusas tanto no tempo como no espaço” (BAENINGER, 2013).

e sociais em outros lugares, tal como afirmou Raabe: “*Fui só pra conhecer e conquistar alguma coisa*”.

Para além de enunciar a máxima contrastiva entre público e privado a categoria *Rua*, com seus significados e usos, me fez observar com mais cuidado o fato dessas pessoas estarem em constante trânsito, de “*não se prenderem a lugar nenhum*”. Tais reflexões suscitaram também outra ordem de indagações, a saber, a possibilidade da existência da categoria *Rua* nas cidades e lugares presentes nesses deslocamentos, e a potência que tal noção carrega para a fabricação da pessoa travesti. Pensando o corpo como uma forma de subjetividade pública por excelência, no caso da prostituição, para ser exposto e consumido o tempo todo, a relação entre corpo e *Rua*, subjetividade e *Rua* e gênero e *Rua* me pareceram reivindicar maior esforço analítico.

Pretendo somar aos temas já visitados – tais como as estratégias e modos de vida dos sujeitos, a imigração, a questão do turismo sexual e tráfico de pessoas, a ordem moral que recai sobre a legalidade da atividade de prostituição e a reflexão sobre gênero e sexualidade –, o tema da mobilidade e do deslocamento, as apropriações e sociabilidades desenvolvidas pelas travestis no mercado nacional do sexo⁷, os processos internos de produção da travestilidade e da pessoa; os significados que a categoria mobilidade pode encerrar naquilo que a faz revelar a dinâmica dos deslocamentos de gêneros⁸ associados às atividades de deslocamentos entre cidades e lugares pelas travestis e a relação co-determinante entre produção de gênero e produção generificada dos espaços urbanos.

O CAMPO DO DEBATE

A literatura sobre travestis, em sua grande maioria, revela um terreno fértil para reflexões sobre sociedade e sexualidade. Considerando que há simbolizações a partir dos gêneros (Strathern, 2014) e que as travestis embaralham os gêneros (Piscitelli, 2013), os estudos de qualquer ordem que envolvam travestis e prostituição, partem, passam ou chegam, de alguma forma, à discussão de gênero e sexualidade. Contudo, em virtude da grandeza e da dificuldade da

⁷ A escolha, justificativa e delimitação das cidades envolvidas nesses deslocamentos estão expostas em “Material, métodos e forma de análise dos resultados” desse projeto de pesquisa.

⁸ Uso a expressão *deslocamento de gênero* em função da experiência de campo, e sugestionado pelas afirmações de Kulick (2008): “[...] as travestis operam e se posicionam dentro de um sistema de gênero fluido e sutil” (Kulick, 2008, p. 229) e de Félix Guattari (1987) quando afirma que não pensa as travestis como homens tornados mulheres e nem mulheres tornadas homens, nem um terceiro gênero, mas outra sexualidade de homens e mulheres (GUATTARI, 1987, p. 43).

temática, ainda não são muitos os trabalhos sobre os deslocamentos (geográficos e de gêneros), apropriações do espaço e as sociabilidades desenvolvidas na prostituição travesti.

As ciências sociais, praticamente desde seu início, colocaram-se na vanguarda ao tomar a sexualidade como forma de pensar o social e a sociedade. Esse olhar privilegiado dirigiu-se inicialmente para as comunidades ditas “primitivas”. Contudo, foi a partir do estudo dessas populações, problematizando a relação entre o biológico e o social, ou entre natureza e cultura, que as principais construções sobre sexualidade que discutimos hoje e as principais indagações que fazemos sobre nós tornaram-se possíveis.

Esses estudos pioneiros trouxeram problematizações importantes, tais como mostrar que a relação entre sexos varia, pode ser mais ou menos contrastante e de acordo com o modelo de relação que é socialmente dominante.

Para Carol Vance (1995) havia uma escassez de estudos pormenorizados sobre comportamentos não reprodutivos em alguns relatos sobre sexualidade.

Dentro do modelo da influência cultural, o termo “sexualidade” abrange uma variedade de tópicos. Seu significado é frequentemente dado como natural, ficando implícito como uma compreensão partilhada entre leitor e autor [...]. Considera-se que a sexualidade, os arranjos de gênero, a masculinidade e feminilidade sejam conectados, até intercambiáveis. O gênero e a sexualidade estão inextricavelmente unidos. Entretanto, esse pressuposto jamais explicita suas conexões culturais e histórias específicas; ao contrário, obscurece-as (VANCE, 1995, p. 20).

Ela reconhece a contribuição do culturalismo, mas afirma que é necessário romper com o essencialismo e propõe uma análise baseada na teoria da construção social. A teoria construtivista é mais radical ao afirmar que o próprio desejo sexual é construído pela cultura e pela história a partir de energias e capacidade do corpo, rompendo com a ideia de impulso ou pulsão sexual, ou apetite sexual presente no corpo devido ao funcionamento e sensação fisiológica. Nessa abordagem o impulso é apresentado como hipótese e não como pressuposto.

Gayle Rubin (1975) também vai contra as expressões essencialistas que afirmam que a sexualidade e a reprodução causavam a diferença de gênero. Ela investiga a forma como um aparato social sistemático toma as fêmeas como matérias-primas e molda mulheres domesticadas

como produtos. E também sugeriu outra desconstrução do sistema sexo/gênero, dividindo-o em dois domínios em que a sexualidade e o gênero foram reconhecidos como sistemas distintos.

Na modernidade, com os métodos contraceptivos, reprodução e sexualidade constituem uma relação construída socialmente, não diretamente relacionados, uma vez que há separação até do ponto de vista biológico. Não somente a sexualidade travesti, mas toda a sexualidade totalmente desvinculada do processo reprodutivo, como pensamos atualmente, é também construção social, como mostra Foucault (1979) na história da sexualidade.

Foucault (1997) desnaturaliza a sexualidade ao tomá-la como um dispositivo, mostrando sua historicidade como expressão de certas relações políticas, de uma certa economia. Esse dispositivo criado nas sociedades ocidentais modernas se superpõe ao dispositivo da aliança⁹. Em um determinado período histórico a sexualidade no ocidente adquiriu autonomia em relação ao dispositivo da aliança, mas não em relação a outros domínios do social, como economia e política.

Etnografias contemporâneas sobre prostituição travesti possuem certa inspiração nos trabalhos de Foucault (ainda que de forma crítica), e na teoria construtivista. Esses estudos afirmam que ainda hoje os saberes eruditos sobre sexualidade também são normativos por que, sob certos aspectos, operam a partir de noções de doença, crime, desvio, perversão etc. Afirmam que a sexualidade tem permanecido naturalizada e que o comportamento sexual se revela como o cerne da sexualidade, pois a pensa como construtiva da subjetividade (HEILBORN, 1999) e como um conjunto de práticas, representações e atitudes em torno de trocas eróticas. Ainda asseguram que tais elementos traduzem uma dimensão interna dos sujeitos e, nesse sentido, são particulares a uma determinada cultura.

A literatura sobre travestis segue a esteira dos estudos contemporâneos sobre sexualidade criticando a visão da sexualidade naturalizada. O trabalho de Don Kulick (2008) conseguiu captar e apresentar aspectos indispensáveis para a compreensão da subjetividade e do modo de vida desses sujeitos, os quais também nos ajudam pensar sobre a continuidade entre sexo, gênero e sexualidade (Butler, 2003). Kulick (2008) buscou compreender as formulações que guiam e dão sentido à autopercepção, à estética e aos relacionamentos na vida das travestis. Sua sensibilidade

⁹ Segundo Foucault (1997), no dispositivo da aliança, os tipos de laços sexuais e sociais estabeleciam-se numa tradição muito própria dos tempos em que o poder se exercia de forma soberana, e onde a tradição e as relações simbólicas de parentesco acompanhavam uma lógica geracional dos bens. Ou seja, tratava-se de um momento cultural onde uma lógica simbólica soberana ainda organizava as relações sociais e sexuais.

etnográfica lhe permitiu lançar um olhar – tal qual o das travestis – não simplesmente positivo, mas, sobretudo produtivo sobre a prostituição, para além da exclusão social e econômica, sem deixar de relatar as mazelas que essa atividade carrega.

Kulick (2008) menciona a existência de um fluxo migratório das travestis desde os anos de 1970, tendo a França como destino preferencial até 1982, mas como seu objetivo era outro, não se aprofundou no tema. Recentemente, Pelúcio (2005) realiza também a discussão sobre gênero e sexualidade, mas avança, afirmando que esse fluxo migratório das travestis se acentua nos anos de 1980 e 1990 e consagra a Itália como destino. Destaca o que Margareth Rago (1989) deixara evidente: o vínculo entre imigração e trabalho sexual. Pelúcio (2005) chama a atenção para o deslocamento como constitutivo da travestilidade e necessário na produção do mercado do sexo. Podemos compreender tais deslocamentos como busca de um projeto de feminilização e de uma “vida habitável” (Butler, 2006).

Pelúcio (2005) ainda deixa claro que a mobilidade está ligada à travestilidade ao mostrar que o sonho de ir para Europa se converte como um ponto de mudança que levará a travesti à categoria sociológica de “Europeia”. Ser “Europeia”, signo nativo de *status*, se confunde com a ideia de ser “bela” – devido ao êxito de transformação do corpo – e mais “fina”, mais sofisticada, com mais conhecimento. A atração pela Europa não se resume à aquisição material, mas também a uma “reeducação para as travestis” (Pelúcio, 2005). Portanto, a autora dá ênfase em seu trabalho à relação entre estratificação e travestilidade, tratando menos da pessoa, um dos temas presente no trabalho iniciado.

Nascimento (2014a; 2014b) realizou um estudo sobre as trajetórias e sociabilidades de travestis, transexuais e transformistas na Paraíba e demonstrou que esses circuitos criam redes de relações que perpassam municípios e cidades de diferentes escalas. Esse notável trabalho dialoga de maneira mais próxima com a proposta desse projeto de pesquisa. A observação atenta sobre o que a autora chama de um lugar intersticial, evidencia uma escassez de pesquisas sobre prostituição em áreas não-metropolitanas. Contudo, apesar de notar os deslocamentos entre cidades e lançar luz sobre o movimento constante de pessoas e coisas que propicia a existência de um modo de vida, não relaciona o deslocamento geográfico às apropriações, ao deslocamento de gênero e a produção de pessoa.

Sobre a fabricação do corpo feminino, ou a fabricação do feminino no corpo das travestis, Benedetti (2005) realizou um excelente trabalho mostrando que o deslocamento das travestis

muitas vezes tem a Europa como destino com intuito desse tipo de realização. A partir de um estudo etnográfico em que apresenta as mudanças no corpo realizadas pelas travestis, o autor busca as práticas realizadas por elas para transformar o corpo e o gênero porque tais mudanças no aspecto físico são para ele práticas estruturantes das visões de mundo das travestis. Já para autores como Silva (1993), a viagem para Europa significa algo mais que uma experiência cosmopolita ao atravessar fronteiras políticas e simbólicas. E seguindo essa visão sociológica da distinção, o autor enfatiza que estes países oferecem dólares, língua estrangeira, refinamento e *delicatessen*.

Teixeira (2009) também aponta que o deslocamento entre Brasil e Europa são temas recorrentes na temática travesti; e que a vivência da prostituição e o sonho de trabalhar na Europa integram o universo delas, compondo seu mundo de possibilidades de ascensão social. Destaca ainda que a migração travesti não está vinculada a uma situação de pobreza, mas à expectativa de uma vida melhor. Esse foco nas motivações dos deslocamentos para a Europa se assemelha aos estudos sobre as mulheres prostitutas que também realizam essa viagem.

Claudia Mayorga (2009) ao tratar do tema acentua que para as mulheres que vão trabalhar no mercado do sexo, estar na Europa conjuga a ideia de identidade com o progresso, o desenvolvimento, a estabilidade econômica, a evolução cultural, o sonho de liberdade com a possibilidade de viver bem. Sobre a migração de mulheres brasileiras no mercado do sexo, destacam-se os trabalhos de Adriana Piscitelli (2009; 2013) que buscam compreender aspectos políticos, econômicos e culturais na migração de brasileiras para Europa no contexto da transnacionalização e imbricação dos mercados do sexo e matrimonial. Ela aponta a confusão entre migração para trabalho no mercado do sexo com tráfico de pessoas e, centrando sua investigação nos sujeitos, possibilita perceber a dinâmica e os efeitos da migração na vida social. Dessa forma, mostra que as migrações possibilitam a essas mulheres escaparem das tramas das desigualdades no Brasil, ao aproveitarem tais oportunidades como diferentes formas de realização pessoal.

Como bem apontado por Piscitelli (2009), nas pesquisas sobre mercado do sexo, percebe-se que as pessoas que nele trabalham raras vezes são contempladas nos estudos acadêmicos sobre migração, mas quando o são, aparecem apenas como vítimas. Aliás, estudos sobre migração travesti são raros. A própria expressão “turismo sexual” e estudos correlatos ignoram diversas modalidades de viagens em busca de sexo homo (Luongo, 2000). No que diz respeito ao tráfico

de pessoas há algumas semelhanças, sobretudo após 2005, pois anterior a isso na lógica jurídica sexo correspondia a gênero. Deste modo as travestis eram consideradas homens e, portanto, fora do alcance jurídico da esfera desse tipo de tráfico (Teixeira, 2008).

O ARGUMENTO

Após essa síntese bibliográfica destaco que os estudos sobre o tema costumam evidenciar mobilidade sempre atrelada à estratificação, *status* e distinção (econômica e ou simbólica). Esta pesquisa pretende investigar os processos internos de produção da travestilidade e da pessoa, o que implica pensar nos circuitos e deslocamentos geográficos, mas não só neles. Busco analisar os vários significados que a categoria mobilidade pode encerrar naquilo que a faz revelar a dinâmica dos deslocamentos existenciais entre gêneros associados às atividades de deslocamentos entre cidades e lugares pelas travestis. Tais movimentações, em princípio determinantes para a atividade da prostituição, informam também, mas, sobretudo, a maneira pela qual tais apropriações dos espaços produzem ao mesmo tempo a atividade da prostituição e o campo da travestilidade.

Sobre os deslocamentos internacionais há muito ainda a se considerar, pois mesmo que a Europa seja um lugar almejado por muitos motivos – dentre eles a fabricação de corpos – esta não se configura como destino último. Pelúcio (2005), Patrício (2008) e Teixeira (2008) mencionam o significado simbólico do retorno ao Brasil, demonstrando que o desejo de boa parte delas não é permanecer definitivamente na Europa. Tal fato possibilita pensar que esse deslocamento pode ser compreendido próximo à noção de circuito, tal como Magnani (2012) propõe inicialmente, mais do que propriamente deslocamentos unidirecionais, aproximando deslocamento de fluxo e da noção de linhas, tal como sugerida por autores como Ingold (2007; 2012).

Dessa forma, o pretendo seguir a esteira dos estudos contemporâneos sobre a temática, visando contribuir e expandir as reflexões que dizem respeito ao tema dos deslocamentos, apropriações e sociabilidades na prostituição travesti no mercado nacional do sexo.

OBJETIVOS

De uma forma ampla, objetiva-se saber quais seriam as volições dos atores nos deslocamentos na prostituição travesti; quais seriam as implicações políticas imbricadas nesses projetos pessoais aparentemente “inconclusos” que assumem uma vida que *não tem parada*, como também evidenciar analiticamente tais “rastros” deixados nesses espaços seguidamente ocupados e reapropriados por outras travestis. Compreender, enfim, em que medida e como as ruas, ou uma noção de *Rua* reinventada pelas travestis, contemplam as estratégias na produção da própria pessoa.

Especificamente este trabalho possui quatro objetivos:

1. Entender se, por um lado, os deslocamentos contínuos e a afirmação de gênero, e por outro lado, a mobilidade entre cidades e lugares como estratégia política no manejo das atividades da prostituição, possibilitam às travestis demarcarem aquilo que poderíamos definir como sendo estratégias na produção de um projeto¹⁰ (Velho, 2003).
2. Descobrir se é possível, de fato, trazer a *Rua* – tal qual observada nos estudos de metrado – para o interior da pessoa travesti, no sentido de pensar se essa *Rua* informa a produção da pessoa.
3. Responder se o deslocamento constante das travestis informa a maneira como elas se apropriam dos espaços e como se relacionam com os mesmos, com a cidade, com as pessoas, (colegas de atividade ou não) e, sobretudo, com a noção de travestilidade. Ou seja, procuro saber se a *Rua* só existe como tal em função dos deslocamentos ou em função da própria atividade e simbolizações particulares de gênero e vice-versa. E se teria a *Rua* a característica de ser pessoal e impessoal, local de trabalho e diversão, lugar de relações e sociabilidades, intimidade e superficialidade, informal e rigorosa etc., em função das pessoas que nela estão dispostas de pouco tempo de permanência.
4. Verificar e compreender a relação da *Rua* com a travestilidade, entendendo-a como um projeto inconcluso e de devires, espalhado (deslocado), ou ainda tão somente entregue à deriva das determinações de ordem econômica que aparentemente privariam esses sujeitos de uma vida estável e situada.

¹⁰ Velho (2003, p. 101) entende a noção de "Projeto" como: “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”, tornando-se uma antecipação da futura trajetória e biografia do sujeito.

METODOLOGIA

Pretendo empreender uma etnografia em várias cidades e lugares, uma vez que será necessário observar os deslocamentos, apropriações dos espaços e sociabilidades desenvolvidas pelas travestis em cada cidade e lugar¹¹. Tenho em conta levar em consideração os cálculos pessoais que decidem tais deslocamentos, que ultrapassam as escolhas instrumentais por lugares e fronteiras, porque acabam estabelecendo conexões ao longo de várias escalas etnográficas. Utilizarei como delimitação inicial as cidades onde minhas interlocutoras, que mantenho contato desde a pesquisa do mestrado, estão situadas ou se deslocando – ou seja, as cidades de Franca, Ribeirão Preto, Piracicaba, São Bernardo do Campo, São Carlos e São Paulo.

Inspirado no conceito de rizoma de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995-1997), o qual não supõe nenhuma unidade, não entra em nenhuma totalidade e tampouco remete a um único sujeito, pretendo observar esses deslocamentos. Levando em conta que, assim como no rizoma, nesses deslocamentos qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro. Assim essas cidades não serão entendidas como pontos ou posições fixas, mas como linhas que podem ser rompidas, quebradas em qualquer lugar e momento, para serem retomadas a seguir. Refeitas de outras linhas, sem parar de se remeter umas às outras. Estas linhas, com múltiplas entradas, sem começo ou conclusão podem acabar revelando os “meios” e os “entre” as coisas.

Portando, não se busca o início de uma rede de prostituição travesti, mas interessa os deslocamentos nesses *intermezzos* (DELEUZE e GUATTARI, 1995-1997) e a escolha das cidades parte da facilidade dos contatos já estabelecidos, seguindo as linhas indicadas por minhas interlocutoras. A princípio, essas cidades indicadas já identificam um espaço de circulação e de deslocamento. Contudo, esses espaços podem se alterar, dependendo das malhas de relações construídas pelas travestis. Insisto na ideia de que essas cidades não significam um início ou um fim, pois entendo que esses deslocamentos possuem a “lógica rizomática” apontada por Deleuze e Guattari e podem ser pensadas como um ambiente emaranhado de linhas¹² (INGOLD, 2012). Não pensando como redes, mas que cada ponto é apenas uma linha em um tecido de trilhas que

¹¹ George Marcus (1995) deu o nome de etnografia multissituada para empreendimentos etnográficos realizados em regiões distintas. Sem entrar em discussões que problematizam as vantagens e limitações da chamada etnografia multissituada, pontuo apenas que há uma motivação empírica para meus percursos.

¹² O próprio Ingold (2012) admite que se inspirou em Heidegger e Deleuze para propor a ideia de "malha" (meshwork) para pensar a cultura e as relações de comunicação, integração e fluxos entre coisas e pessoas.

juntos compõem a textura do mundo da vida. E essa textura feita de organismos que se constituem dentro de uma malha relacional. “It is a field not of interconnected points but of interwoven lines; not a network but a meshwork” (INGOLD, 2011, p. 70).

Nesse emaranhado de linhas e vidas em deslocamento pretendo realizar entrevistas em profundidade com as interlocutoras e desenvolver um olhar de “perto e de dentro”, observando comportamentos, “não de indivíduos atomizados, mas de múltiplos, variados e heterogêneos conjuntos de atores sociais cuja vida cotidiana transcorre na paisagem da cidade e depende de seus equipamentos” (MAGNANI, 2002, p. 17).

Dessa forma, desejo identificar nesses deslocamentos um contexto no sentido inventado por Wagner (2012). Contexto aqui é usado no sentido amplo do termo, não apenas para designar um “ambiente” de significado no qual um símbolo é utilizado e que escapa a fronteiras e definições precisas, mas empregando-o para qualquer conjunto de elementos simbólicos que ocorram no mesmo lugar de alguma maneira, formando uma continuidade reconhecível.

Emprego o termo no sentido mais amplo possível, aplicando-o a qualquer punhado de elementos simbólicos que ocorram juntos de alguma maneira, seja formando uma sequência ou entidade reconhecível (a “cadeia sintagmática” de alguns autores), seja entrando em oposição como aspectos contrastantes de uma distinção (a base de uma relação “paradigmática”) [...].

Um contexto é uma parte da experiência - e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los. Os elementos de um contexto convencionalmente reconhecido parecem se pertencer mutuamente assim como elefantes, lonas, palhaços e acrobatas “pertencem” a um circo. Alguns elementos são partes menos convencionais de um contexto que outros, embora isso varie no tempo e no espaço (WAGNER, 2012, p. 111-112).

Pretende-se identificar nessa malha relacional um contexto com suas maneiras próprias de criar e experienciar o próprio contexto. E “inventar” – no sentido aplicado por Wagner – a cultura do outro nesse contexto só será possível através da analogia, a qual não é sinônimo de semelhança, já que esta se faz necessária quando nos deparamos com situações não habituais. E também para pensar através da analogia é necessário que os dois (ou mais) termos colocados em

relação não se sobreponham com valores de superioridade um ao outro, como se um fosse explicar o outro. Ou seja, a analogia é da ordem da relação entre os termos.

Também estenderei a observação e entrevistas às outras pessoas que fazem parte desse contexto direta ou indiretamente, como aqueles que consomem os serviços do mercado do sexo e os habitantes dos locais de apropriação em cada cidade.

Não é a intenção se limitar a observações estritamente empíricas na formulação de respostas às questões trazidas nos objetivos. Não fará apenas um relato etnográfico, mas pretende dar suporte às elaborações utilizando as correntes teóricas apresentadas que abordam os deslocamentos e sociabilidades na prostituição, principalmente no que diz respeito às travestis, debatendo e estabelecendo reflexões com essas correntes teóricas.

BIBLIOGRAFIA

ASKABIDE. **Violência de género y prostitución:** La violencia de género contra El colectivo de mujeres que ejercen la prostitución. Bilbao, Ed. Mensajero, 2006.

ASSIS, G. O. **Mulheres migrantes no passado e no presente:** gênero, redes sociais e migração internacional. Estudos Feministas, 15(3), Florianópolis, 2007.

BAENINGER, Rosana (Org.). **Migração internacional.** Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp, 2013.

BENEDETTI, M. **Toda Feita:** o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do Corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro, Garamond, 2006.

BUTLER, J. P. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Deshacer el Género.** Barcelona. Editorial Paidós, 2006.

COURGEAU, D. **Methodes de mesure de la mobilité spatiale:** migrations internes, mobilité temporaire, navettes. Paris: Editions de l'Institut national d'études démographiques, 1988.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan. 1991.

DAVIDA. Prostitutas, “traficadas” e pânicos morais: uma análise da produção de fatos em pesquisas sobre o “tráfico de seres humanos”. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero- Pagu/Unicamp, 2005, pp.153-184.

DE CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34. 1995-1997.
- EMAKUNDE. **La prostitución ejercida por mujeres en la C.A.E.**, 2001.
- FAVRET-SAADA, J. Ser afetado. In: **Revista Cadernos de campo n.13**: 155-161, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.
- _____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. **História da sexualidade 3**: O cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- FRY, Peter. **Para Inglês Ver**: Identidade e Política na Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GREGORI, M. F. Cenas e queixas: mulheres e relações violentas. **Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 23**, p. 163-175, 1989.
- GUATTARI, Félix. Espaço e Poder: a criação de territórios na cidade. In: **Espaço e Debates**, nº 16, São Paulo: NE RU, 1985.
- _____. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1987
- _____. **O Inconsciente Maquínico**: ensaios de esquizo-análise. Campinas: Papyrus, 1988.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- KEMPADOO, Kamala. Mudando o debate sobre o tráfico de mulheres. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.55-78.
- KULICK, D. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2008.
- INGOLD, Tim. **Being alive**: essays on movement, knowledge and description. New York: Routledge. 2011.
- _____. **Lines**: a brief history. London: Routledge, 2007
- _____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37**, p. 25-44, jan./jun. 2012
- HEILBORN, Maria Luiza. “Construção de si, gênero e sexualidade”, in: HEILBORN, Maria Luiza. (org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**, IMS/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999, p. 40-59.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975

- _____. **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976
- LUONGO, M. The use of commercial sex venues and male escorts by gay tourists in New York City. In: CLIFT, S.; CARTER, S. **Tourism and sex, culture, commerce and coercion**. London: Pinter, 2000. p 109-131.
- MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole”. In: Magnani, José Guilherme C.; Torres, Lílian de Lucca (orgs.). **Na metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Edusp, 2000.
- _____. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, vol.17, n° 49, pp. 11-29, 2002.
- _____. **Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.
- MALINOWSKI, B. **La sexualité et sa Repression dans les Sociétés Primitives**. Paris: Payot, 1980
- _____. **The Sexual Life of Savages in North-Western Melanesia**. New York: Halcyon House, 1941
- MARCUS, George E. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, California, vol.24, 1995, pp. 95-117
- MAUSS, Marcel, **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003
- MAYORGA, Claudia. Cruzando fronteiras: prostituição e imigração. **Cad. Pagu [online]**. 2011, n.37 ISSN 0104-8333.
- MEAD, Margaret. **Sexo e Temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- NASCIMENTO, Silvana. “Variações do feminino: circuitos do universo trans na Paraíba”. In: **Revista de Antropologia**, vol 57, n2, 2014a.
- _____. “Corpo-afeto, corpo-violência: experiências na prostituição de estrada na Paraíba”. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII n° 1; jul-dez, 2014b.
- OLIVAR, J. M. N. **Devir Puta: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.
- OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher**. Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.
- OSBORNE, Raquel. **Trabajador@s del sexo – Derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona, Bellaterra, 2004.

PATRÍCIO, Maria Cecília. 2008. **“No Truque”**: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: http://www.bdt.d.ufpe.br/tedeSimplificado//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5815.

PELÚCIO, Larissa. Sin papeles pero con glamur: Migración de travestis brasileñas a España (Reflexiones iniciales). **Vibrant**, vol. 6, Brasília, 2009, pp.170-197.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: Notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos Pagu (25)**, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero-Pagu/Unicamp, 2005, pp.217-248.

_____. **Nos Nervos, Na Carne, Na Pele**. Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de Aids. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos, 2007.

_____. **Abjeção e Desejo** - uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS. São Paulo, Editora Annablume, 2009

PERLONGHER, N. **O Negócio do Michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Antropologia das Sociedades Complexas: Identidade e Territorialidade, ou como estava vestida Margareth Mead. **Revista Brasileira de Ciências**, nº 22: 137-144.1993.

_____. Territórios Marginais. In GREEN, James & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e Outros Escritos**. São Paulo: Editora Unesp, 2005, pp. 263-290.

PISCITELLI, A. G. **Trânsitos**: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo. Rio de Janeiro: EDUERJ/Garamondo/CLAM, 2013.

_____. **Trânsitos**: circulación de brasileñas en el ámbito de la transnacionalización de los mercados sexual y matrimonial. *Horizontes Antropológicos*, vol 31, 2009, pp.131-137.

_____. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: turismo sexual internacional e migração feminina. In: PISCITELLI, A. et alii. **Sexualidades e Saberes, Convenções e Fronteiras**. Rio de Janeiro, Garamond, 2004.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite**: Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

RODRIGUES, André Rocha. **“RUA DA FRENTE”**: Avenida Getúlio Vargas como contexto na prostituição em São Carlos - SP. Dissertação, Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", 2015.

- RUBIN, Gayle. The Traffic in Women. Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna (ed.) **Toward an Anthropology of Women**. New York, Monthly Review Press, 1975.
- SCOTT, Joan. Gender and politics of history. Nova York: Columbia University Press, 1988.
- SILVA, H. R. S. Travesti: a invenção do feminino. Rio de Janeiro, Relume-Dumará/Iser, 1993.
- _____. Travesti: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro:, Rocco,2007.
- STRATHERN, M. "No limite de uma certa linguagem". **Mana, Rio de Janeiro**, v. 5, n. 2, Oct. 1999 .
- _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Casac Naify, 2014.
- TEIXEIRA, Flávia. 2008. "L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição". **Cadernos Pagu**, 31: 275-308.
- VANCE, Carol. A Antropologia redescobre a sexualidade. In **PHYSIS – Revista de saúde coletiva**, vol. 5, n. 1, 1995.
- VELHO, G. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "O nativo relativo". In: **Mana 8(1)**, 2002a, 113-148.
- WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2012.
- ZELIZER, Viviana A.. Dinheiro, poder e sexo. **Cad. Pagu [online]**. 2009, n.32, pp. 135-157